

***Uma abelha na chuva*: uma colméia portuguesa sob o império de duas rainhas**

Uma Abelha na Chuva é, sem dúvida, um excelente romance em qualquer parte do mundo, não só porque supera uma problemática nacional, mas porque as raízes da sua história se alimentam na germinação intersticial, cujos signos nos devolvem a interrogação e o enigma.

Fernando Mendonça, *A literatura portuguesa no século XX*.

Uma Abelha na Chuva, romance publicado em 1953, é uma das mais conhecidas obras de Carlos de Oliveira, tanto em Portugal quanto no exterior. Dez anos depois da publicação de seu primeiro romance, *Casa na Duna*, o autor mostrou uma nova percepção da realidade, retomando o tema da decadência das classes mais abastadas e inserindo personagens que, além de sua importância num contexto social, também foram enriquecidos na sua individualidade. No entanto, nesse romance, diferentemente do primeiro, a decadência moral se sobrepõe à financeira. Segundo o crítico Fernando Mendonça (1973):

Uma Abelha na Chuva é uma história só aparentemente simples. A sua linearidade é ilusória, provém da economia do processo narrativo no horizonte imediato dos eventos. Dentro disso tudo, entretanto, um terrível e surdo germinar de explosões íntimas, de ódios mal contidos assombram o leitor, transformado em observador escondido e ávido de surpreender na penumbra dos corredores, das salas e das alcovas os atos da indignidade de Silvestre e a impávida e misericordiosa segurança de Maria dos Prazeres. A guerra surda, declarada entre marido e mulher, estala-nos nos sentidos sem necessidade de quaisquer labirintos vocabulares. A secura do estilo é, pois, exata e simples como o ódio e o desejo, a súplica e o desprezo.

(Mendonça, 1973, 121)

Apesar da “secura do estilo”, o romance *Uma abelha na chuva* não permite uma leitura superficial, a densidade implícita pela “linearidade ilusória” necessita de uma leitura mais aprofundada, em seus pormenores, para que possamos desvendar o que se esconde por trás dessa “história só aparentemente

simples”. Para ilustrarmos nossas análises, será utilizada a 5ª edição, datada de 1971.

O título do livro já nos prepara para adentrar numa narrativa de oposições (*abelha x chuva*), e, Carlos de Oliveira, apresenta nos primeiros capítulos o núcleo conflituoso dos Silvestres, iniciando um enredo que, mais tarde, há de se desdobrar numa colméia representativa de Portugal.

O romance se inicia com a imagem de um viajante com destino a Corgos, região da gândara. As observações do narrador, já no primeiro capítulo, demonstram a intenção de Carlos de Oliveira em incentivar a imaginação do leitor. O narrador instiga o leitor a prontamente terminar a leitura e virar a página, para descobrir quem era o misterioso viajante. Abdala Jr. (1981, 93) observa que, neste capítulo “há uma série gestual cujo protagonista só iremos determinar no capítulo seguinte, como também a razão de sua ação (Álvaro Silvestre, lavrador e comerciante, como um problema de consciência que o leva ao desespero)”, como podemos notar no exemplo abaixo:

Pelas cinco horas duma tarde invernosa de outubro, certo viajante entrou em Corgos, a pé, depois da árdua jornada que o trouxera da aldeia do Montouro, por maus caminhos, ao pavimento calcetado e seguro da vila; um homem gordo, baixo, de passo molengão; samarra com gola de raposa; chapéu escuro, de aba larga, ao velho uso; a camisa apertada, sem gravata, não desfazia no esmero geral visível em tudo, das mãos limpas à barba bem escanhoada; é verdade que as botas vinham de todo enlameadas, mas via-se que não era hábito do viajante andar por barrocais; preocupava-o a terra, batia os pés com impaciência no empedrado. Tinha o seu quê de invulgar, o peso do tronco roliço arqueava-lhe as pernas e fazia-o bambolear a cada passo. Via-se também que não era grande caminhante, a respiração alterosa dificultava-lhe a marcha, mas galgara com coragem duas léguas de barrancos, lama e invernica. Grave assunto trouxera decerto, penando nos atalhos gandraeses, por aquele tempo desabrido.
(Oliveira, 1971, 7-8)

O “problema de consciência que o leva ao desespero” é logo revelado no capítulo seguinte. O misterioso homem, Álvaro Silvestre, tencionava publicar no jornal local uma carta de arrependimento para se redimir de todas as corrupções que lhe pesavam sobre as costas. No entanto, sua esposa, D. Maria dos Prazeres, que, de acordo com a carta, comparticipa de tal situação, chega a tempo de impedir que o marido fizesse tal loucura. O referido episódio, portanto, põe em cheque o caráter dos Silvestres:

Eu, Álvaro Rodrigues Silvestre, comerciante e lavrador do Montouro, freguesia de S. Caetano, concelho de Corgos, juro por minha honra que tenho passado a vida a roubar os homens na terra e a Deus no céu, porque até quando fui mordomo da Senhora do Montouro sobrou um milho das esmolas dos festeiros que despejei nas minhas tulhas.

Para alguma salvaguarda juro também que foi a instigações de D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, minha mulher, que andei de roubo em roubo, ao balcão, nas feiras, na soldada dos trabalhadores e na legítima de meu irmão Leopoldino, de quem sou procurador, vendendo-lhe os Pinhais sem conhecimento do próprio, e agora aí vem ele de África para minha vergonha, que lhe não posso dar contas fiéis.

A remissão começa por essa confissão ao mundo. Pelo Padre, pelo Filho, pelo Espírito Santo, seja eu perdoado e por quem mo puder fazer.

(Idem, 12-13)

No momento em que a personagem D. Maria dos Prazeres adentra a sala, o diretor da comarca, que acabara de ler a carta, é surpreendido pela ironia da mulher que se apresenta destacando o seu sobrenome aristocrático em detrimento da origem burguesa do sobrenome do marido:

“- Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho... Silvestre.

Destacou com ironia o sobrenome do marido” (Oliveira, 1971, 21).

São percebidos os primeiros contrastes entre essas duas personagens através do tradicionalismo refletido no sobrenome de Maria dos Prazeres em relação ao simplismo burguês do sobrenome de Álvaro reflete. Essa relação de contrastes entre marido e mulher, que refletem, respectivamente, características da burguesia em oposição à aristocracia, irá se prolongar por todo o romance e será alvo de nossas próximas análises.

4.1.

Burguesia x Aristocracia: O casal Silvestre e sua colméia de contrastes

No romance *Uma abelha na chuva*, os primeiros personagens a terem destaque são D. Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre – casal que foi apresentado no início do enredo em meio a uma revelação comprometedora que aparece na carta de Silvestre. No entanto, após uma breve troca de palavras, a mulher intimida o marido e consegue reprimir suas intenções. De acordo com D. Maria dos Prazeres, Álvaro “anda doente, com idéias estranhas, e tem de se lhe dar o devido desconto” (Oliveira, 1971, 23). A dominação da mulher em relação à fraqueza do homem está explícita nessa parte da obra.

O narrador, que no primeiro capítulo se intrometera e instigara o leitor, a partir desse momento, se coloca à parte. Mesmo onisciente, parece, por vezes, não mais existir, dando espaço e voz aos pensamentos e diálogos nos capítulos que se seguem. É uma estratégia do autor para dar verossimilhança ao ambiente de opressão no qual está submerso o casal de personagens.

Após o casal sair da comarca e se colocar a caminho de casa, é dado início a interiorização de D. Maria dos Prazeres. Aqui, o autor dá vazão ao psicológico da personagem, são demonstrados os seus pensamentos mais íntimos e, assim, são elucidadas as relações conflitantes entre ela e o marido, e também seus desejos pelo cunhado e pelo cocheiro da família, como podemos ilustrar com os exemplos que se seguem:

O ruivo tinha acendido a lanterna da charrete e o clarão batia na lombeira da égua lustrosa de suor e chuva. O perfil do cocheiro arrancava-o da sombra a luz amarelada: o queixo espesso, o nariz correcto, a fronte não muito ampla, mas firme. De encontro à noite, parecia uma moeda de ouro.
(Oliveira, 1971:25)

O cocheiro ruivo era um objeto de contemplação: “Ela fitava-o e não resistia à tentação de um paralelo com o homem mole e silencioso que levava ao lado” (Oliveira, 1971, 25), e esse sentimento por Jacinto permite que Maria dos Prazeres se abstraia da atmosfera de infelicidade que cerca seu casamento. No

momento em que ela fita o cocheiro, dá-se um corte na narrativa e tem-se uma volta ao passado a partir das rememorações de Maria dos Prazeres. Confusa, num turbilhão de pensamentos, vêm a lembrança triste da infância, de quando a ruína chegara à casa de sua família. Foram-se os móveis, as terras, as jóias, o dinheiro, tudo, até a própria Maria, que se recorda:

A ruína entrou na casa de Alva: dinheiro, terras, móveis, levados pela voragem; lustres arrancados dos tectos (começou-se a seroar-se à luz de pobres lamparinas); velhas arcas de madeira olorosa e pesadas de belos linhos, reposteiros, cadeirinhas graciosas forradas a damasco, armários de talha, guarda-loiças de cristais finíssimos, camas torneadas, deu o sumiço em tudo; desapareceram os quadros das paredes, a prata dos talheres; a dona da casa arrancou as jóias do colo, os anéis dos dedos; venderam-se espingardas de caça, galgos, cavalos, traquitantas, relíquias de nebulosos tempos como aquele punhal antigo cravejado de diamantes; e quando ela fez dezoito anos, o pai fidalgo, que era Pessoa, Alva e Sancho, descendente de um coudel-mor, de um guerreiro das Linhas de Elvas e primo do Bispo missionário de Cochim, negociou o casamento da filha com os Silvestres do Montouro, lavradores e comerciantes: sangue por dinheiro (a fraqueza dum homem sem alternativa); assim seja, concordou o pai de Álvaro Silvestre, compra-se tanta coisa, compre-se também a fidalguia.
(Oliveira, 1971, 26-27)

Os privilégios que a aristocracia outrora tivera, diminuíram consideravelmente desde a revolução liberal do século XIX até a instauração da ditadura no século XX. Os aristocratas perderam grande parte do poder econômico, sendo esses quase reduzidos à zero, como podemos constatar nas assertivas abaixo:

Outro pilar do absolutismo, a nobreza feudal, sofreu comparativamente muito menos do que o clero com o triunfo da nova ordem. Em teoria, o reconhecimento oficial da igualdade reduziu os aristocratas a zero.
(Marques, 1986, 118)

O Partido Republicano parecia, à primeira vista, completamente diferente. Apresentava um programa de ação radical, contava com gente mais dinâmica, mais nova e mais consciente dos interesses do país. Apelava para as massas, prometendo-lhes melhoria de nível de vida. Clamava contra a corrupção política, contra o reacionarismo clerical e contra a nobreza.
(Idem, 2001, 363)

[...] os nobres tiveram de passar a depender exclusivamente dos seus bens fundiários e da sua participação no comércio e na indústria. Este facto fê-los aproximar da burguesia como nunca anteriormente.
(Ibidem, 1986, 118)

A aproximação entre aristocracia e burguesia ocorreu devido à perda de poderio econômico da primeira, como vimos nas citações acima, o que causou a diminuição da influência social que os aristocratas sempre tiveram. A união entre essas duas classes era o sinônimo da manutenção do *status quo*, porém não era sinônimo de relações amenas. Em *Uma abelha na chuva*, Carlos de Oliveira demonstra através dos pensamentos de Maria dos Prazeres as conseqüências, para os aristocratas, da decadência financeira. E a maior conseqüência, aquela que desencadeia todo o ambiente de opressão entre as duas classes dominantes, é o casamento de aparências entre burguesia e aristocracia, representadas respectivamente na figura de Silvestre e Prazeres, que são minuciosamente destacado na primeira parte do romance.

Os pensamentos de D. Maria dos Prazeres permitem elucidar as questões da decadência da aristocracia, do casamento por conveniência, além de ilustrar como Carlos de Oliveira se aprofunda no psicológico da personagem e nas relações humanas. Após uma breve interrupção, pois a charrete que conduzia o casal quebrara, a mulher novamente torna a contemplar a figura do cocheiro: “inteiriço como um bloco, atento à noite e à estrada: [...] aquele pedaço de pedra doirada que a treva contornava, luminoso e rude” (Oliveira, 1971, 28-29), e, aos poucos, vai retomando as recordações da decadência de sua família:

sangue por dinheiro; as casas de fidalgos na penúria amparavam-se a lavradores boçais e ricos, a sólidos comerciantes, retemperavam o brasão no suor da boa burguesia; e os Alvas não fugiam à regra; quando soou a hora da miséria vieram entregar a menina aos lavradores do Montouro; [...] Conseguia recordar ainda com uma agudeza incrível a onda de sentimentos contraditórios que a arrastara vagarosamente ao altar, a amarga obediência aos pais e o desejo de os ajudar, a curiosidade e o medo, o medo e um pouco de esperança; avançava pelo braço do pai, toda de branco, entre um murmúrio de órgão e vozes sussurradas; sorria, mas dentro de si ia nascendo um grito, um grito sempre reprimido; a chuva caía, caía com certeza, no passado e agora.
(Oliveira, 1971, 29-30)

Todos os recortes que expressam as memórias de Maria dos Prazeres refletem a infelicidade a que esta personagem está condenada, pois, como em qualquer casamento por conveniência, a união entre ela e Silvestre também gera conflitos. Maria dos Prazeres lamenta o empobrecimento dos Alvas e a obrigatoriedade do casamento arranjado, e tem somente como válvula de escape os desejos sufocados na intimidade de seus pensamentos. Desde a juventude essa personagem é estigmatizada psicologicamente como “Maria das Frustrações”.

Os desejos reprimidos em Maria dos Prazeres não são somente em relação ao cocheiro. Até a chegada a casa dos Silvestres, a personagem ainda tem tempo de lembrar-se da carta de Leopoldino, irmão do marido, e recordar os sentimentos mudos que nutria por ele desde o início de seu casamento:

A leitura da carta de Leopoldino, mais novo do que Álvaro, o avesso do irmão, alto, magro, a pele enegrecida à torreia das caçadas, e ali se pusera ela a recordar com um sorriso de complacência a vida buliçosa do cunhado, de feira em arraial, de zaragata em arruaça, de gorra com uma camponesa hoje ou com a filha dum armazenista de Corgos amanhã, ouço-o ainda, dum atrevimento a roçar pela grosseria, quando eu e o Álvaro chegámos da viagem de núpcias: bela coisa, mano, vê-se pela cara. Perdoava-lhe agora perturbada pela confusa alegria que a notícia do regresso inesperado lhe dera.
(Oliveira, 1971, 33-34)

O espaço dado às recordações de Maria dos Prazeres é indispensável para que se possam entender as intenções de Carlos de Oliveira, ao trazer na primeira parte da narrativa de *Uma abelha na chuva*, os conflitos pessoais que são consequências do casamento de interesses. São esses conflitos que irradiam toda a ação, e, inclusive, colaboram para o surgimento, mais tarde, de um segundo núcleo narrativo que envolverá o casal Clara e Jacinto.

O seguimento do enredo mostra como o turbilhão de pensamentos começa a ser um tormento para a mulher: “A certas coisas, rompia nela um velho fogo emborralhado à espera de o soprares; nunca se sabia quando nem porquê; mas nos piores dias então, as palavras, a simples existência do marido, davam no lume como vento, e a labareda vinha” (Oliveira, 1971, 40). E, raivosa por todo esse redemoinho mental, pela presença de Silvestre, por ter de reprimir seus desejos, e pela viagem que não acaba, ela pega o chicote e malha a égua que mancava desde que a charrete quebrara:

Ergueu-se de repelão, afastando o xaile e a manta de viagem. Lavrava o incêndio dentro dela. Arrancou o chicote das mãos do ruivo e uma vez, duas vezes, uma dúzia, malhou no ombro da égua até poder, então, senhora, então, senhora, e o chicote descia da treva, silvo furioso que a luz da lanterna transformava em golpe e dor visível, a égua afocinhava mas lá ia puxando, trôpega e dolorida; Álvaro Silvestre emergiu do seu meio sono, esfregou os olhos para ver se era verdade ou mentira aquilo, e a meio da charrete, com as lágrimas em baga pela cara, os cabelos soltos, manchada do oiro baço da luz, de facto era ela, bela, quase terrível:

– Acaba, acaba, acaba, acaba...

(Oliveira, 1971, 43)

Percebemos no trecho acima a primeira manifestação do abatimento do mais fraco, daquele que não pode se defender. Malhando a égua, Maria dos Prazeres desconta toda a sua raiva pelas insatisfações de sua vida. Essa cena também antecipa que Carlos de Oliveira não pretendeu se prender, neste romance, somente à questão da opressão entre classes as classes mais abastadas. É o anúncio que outras situações de dominação ainda estavam por vir.

No entanto, até aqui, a caracterização da opressão pode ser verificada mais no âmbito psicológico do que físico (que é somente visto no momento em que a mulher malha a égua). Levando em consideração os detalhes fornecidos pelo autor através dos pensamentos mais íntimos de Maria dos Prazeres, percebemos que a esposa é uma das peças-chave para destacar a idéia de uma sociedade de pessoas infelizes e contaminadas pelos interesses de classes. Carlos Reis aponta a importância dessa personagem ao longo da obra:

O que faz da visão de D. Maria dos Prazeres um elemento dotado de inegáveis potencialidades ideológicas é não só a sua capacidade selectiva, mas também os afloramentos da sua subjectividade, em consonância com o perfil psicológico, cultural e social que a personagem vai delineando.

(Reis, 1983, 592)

Os “afloramentos da subjectividade” feminina, em conjunto com as “potencialidades ideológicas” presentes na personagem de D. Maria dos Prazeres, são características lapidadas com o passar dos anos, e que diferem a obra de Carlos de Oliveira de outras do mesmo período. No livro *O aprendiz de feiticeiro* o autor fala sobre o modo como são retratadas as mulheres em suas publicações:

Alguém me observou há tempos que as mulheres pequeno-burguesas dos meus livros são mais ou menos pecadoras mentais. Exacto. E sabe-se porquê. A moral sexual da província portuguesa (onde se passam esses livros) é um caldo rançoso com alguns feijões de pedra no fundo, os mitos que todos conhecemos: noiva de hímen intacto, fidelidade conjugal só da mulher, prática convencionalíssima do amor, etc. A mulher, aqui, nem sequer pode considerar-se o objecto erótico do marido. Talvez fugidamente nos primeiros meses, mas passa logo à condição mecânica de incubadora, se não for estéril; se for (porque não há-de ela perpetuar esta sociedade, esta moral?), torna-se quase desprezível. O erotismo é pois um jogo para homens, fora do santo país do matrimónio. Os países da prostituição, tão fáceis de colonizar, existem para isso mesmo. Pobre erotismo. A mulher casada ou aceita o código em vigor, transformando-se no útero indiferente, transferindo os prazeres da cama para os filhos, os doces, a má língua, o croché, a caridade, um pouco de luxo se possível (vestidos, anéis, pulseiras), a mansa escravatura do lar (é assim que se diz, suponho), ou cai no erotismo imaginado, sem parceiro, a pior solidão. Há uma terceira hipótese, claro: pisar o risco. E às vezes acontece, embora raramente.

(Oliveira, 1973, 96-97)

Na colméia que começa a tomar forma no romance *Uma abelha na chuva*, a carga ideológica presente em Maria dos Prazeres é riquíssima. É uma mulher que representa frustrações de um casamento por conveniência, que para aceitar o “código em vigor” se interioriza, torna-se uma pecadora mental, além do fato de a personagem ter produzido frutos, ou seja, ela não teve filhos. Mas, apesar de tudo isso, D. Maria dos Prazeres, aparece na obra como quem controla os rumos do casamento, em vez de ser submissa, ela é a opressora, a dominadora do marido. Os personagens que giram em torno dessa mulher são socialmente e psicologicamente mais fracos, fato que será analisado nos parágrafos que se seguem.

Como membros de uma sociedade pequeno-burguesa de meados do século XX, o casal Silvestre recebe as pessoas próximas, nos chamados “serões” (reuniões). É a partir daí que o autor abre espaço para a apresentação de novos tipos sociais que se reúnem logo depois da chegada do casal à casa.

Os primeiros personagens a entrarem na casa são D. Violante e o Padre Abel, caracterizados com uma certa dose de ironia pelo narrador que volta a se manifestar. Ao relatar a entrada de ambos como que “parecidos como o ovo e o espeto” (Oliveira, 1971, 46), a descrição irônica das personagens traz a consigo a idéia de contraste entre ambas.

Os dois mantêm as aparências se passando por irmãos. No entanto, o narrador coloca em xeque essa figuração ao relatar que o padre tivera problemas com as beatas que “reservavam ainda a D. Violante um ódio velho” (Idem), e, além disso, é descrita uma expressão de dúvida no sorriso e no pensamento de D. Maria dos Prazeres: “realmente... ninguém dirá que são irmãos” (Ibidem).

A conversa gira em torno dos “problemas de saúde” de Álvaro Silvestre e de uma imagem de Nossa Senhora do Montouro, feita por mestre António (o oleiro cego), a qual Maria pretendia doar à igreja. Silvestre, parecendo indiferente, bebe *brandy* e ouve os ferinos comentários de D. Violante que não hesita em falar da vida alheia e faz uso de ditos populares para ilustrar seus apontamentos. Antes da chegada de D. Cláudia – noiva do Dr. Neto –, a “irmã” do padre faz a seguinte afirmação sobre a demora na oficialização do casamento: “Noiva serôdia, nem miolo nem côdea” (Ibidem, 56).

Esse não é o único dito popular proferido pela personagem ao longo do livro, D. Violante, com seus adágios, vem carregada de pré-julgamentos e preconceitos, refletindo uma parcela da sociedade que se ocupa com coisas inúteis, e, dessa forma, alienadas, como podemos notar na afirmação de Abdala Jr. (1981, 80): “a personagem, amante do padre Abel, passa por sua “irmã”, sendo caracterizada como um “adagiário vivo”, ironicamente, pelo narrador (a ironia, aqui, é um processo de desmistificação do comportamento alienado).”

Colocando, ironicamente, a personagem como um adagiário, Carlos de Oliveira desperta a consciência crítica do leitor. Este, ao perceber a alienação de D. Violante (que não possui voz própria e somente sabe se expressar através de ditos populares), assume que seu comportamento social assemelha-se ao da personagem, pois durante o período ditatorial a população foi privada de sua autonomia e liberdade de expressão e, comumente, esse estado de coisas não era percebido pela maioria das pessoas.

O “comportamento alienado” – traço do marxismo que aparece no romance *Casa na duna*, que abrange a alienação num momento de transição das relações econômicas e de trabalho analisadas no capítulo anterior deste trabalho – é mostrado aqui a partir da ótica da superficialidade das relações sociais, dos *pré*-conceitos, *pré*-julgamentos e da inaptidão para perceber outra “realidade” senão aquela em que se está inserido – o conformismo. Este último é um comportamento que caracteriza a personagem de D. Cláudia, uma professora “pálida e medrosa

[que] temia a natureza, a chuva, o sol, o mar, o vento, ignorava as flores que irrompem os estrumes, e a própria vida humana, as relações sociais, os pequenos equívocos da convivência, as conversas mais acaloradas assustavam-na” (Oliveira, 1971, 59- 60).

A rotina asfixiada de D. Cláudia, minuciosamente relatada pelo narrador, difere em praticamente todos os aspectos da vida do noivo, o Dr. Neto:

Atacado até o pescoço na vida do Montouro, sabia bem o que custava uma espiga de milho, aos homens e à terra, conhecia as escuras germinações de um girassol ou de uma rosa porque ele próprio os plantava para as suas abelhas (cortiços e colméias enchiam-lhe o quintal), seguia desveladamente o trabalho e o sono dos bichos sábios comedores de pólen (como ele dizia), simbolizava no doce destilar dos favos o que a Vida, a Natureza, Deus ou lá o que era, podia arrancar de belo e saboroso ao tempo, uma filosofia nascida de três ou quatro jeiras de quintal, assente em realidades vivas, botânicas e animais, porque o Dr. Neto amava a realidade e só daí é que partia para as abstrações, simbologias camponesas em que o mel, por exemplo, quase alcançava o teor da suma perfeição. (Oliveira, 1971, 60-61)

Os personagens já apresentados são parte de um grande jogo de contrastes, de representações e de estereótipos, construído por Carlos de Oliveira, em *Uma abelha na chuva*. Maria dos Prazeres, representante de uma aristocracia tão falida quanto o seu casamento; Álvaro Silvestre, imagem de uma pequena-burguesia corrupta; padre Abel, um pecador que representa os interesses da igreja; D. Violante, na sua superficialidade quer se adequar a moral e aos bons costumes da sociedade, e, mesmo não o fazendo de fato, critica aos que fogem aos padrões; e, finalmente, D. Claudia e Dr. Neto, que representam, respectivamente, o medo que conduz às privações em contraste com a paixão pela natureza e pelas coisas vivas.

Carlos de Oliveira leva o leitor a observar esses tipos e, a partir dessa observação, dá-se, de acordo com Abdala Jr.,

o processo de desmascaramento da pseudo concreticidade do estereótipo, correlativo à ideologia alienada que o impregna. Ao se destruir estilisticamente o estereótipo, a escrita motiva a atenção do leitor, procurando mudar sua atitude, pois que de mero consumidor ele deve constituir-se em sujeito, pela descodificação ativa do texto, que também é seu. (Abdala Jr., 1981, 116-117)

Perceberemos ao longo das análises que a inserção do personagem Dr. Neto é essencial para a narrativa ficar ainda mais inteligível ao leitor, nessa “decodificação ativa do texto”. É atua como um profundo observador das relações sociais tanto numa colméia propriamente dita, quanto na colméia de contrastes da sociedade portuguesa representada pelos Silvestres e as “abelhas” presentes no serão.

Em meio a uma conversa, ele faz a seguinte observação acerca da vida e morte: “– Pois sim, mas tomemos para exemplo as abelhas. Partir do simples para o complexo. Sabe-se que após a fecundação o destino dos machos é a morte. Ora, como fecundar é criar, pergunto eu...” (Oliveira, 1971, 64).

O comentário emitido pelo Dr. Neto parece antecipar os acontecimentos da segunda parte da narrativa, que tem início logo após a seguinte troca de insultos entre D. Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre:

- Bêbado? Quem é que está bêbado, sua fidalga de trampa?
- Talvez as palavras se fizessem ouvir mais tempo do que o necessário. Tanto pior. Abrira-se nele um cachoar de coisas recalçadas e entregou-se à força da corrente:
- Para saberes que me fartei de nobrezas, de brasões, de parvoíces.
- Vendo-se espedaçado no meiple, endireitou o corpo, procurou uma posição mais digna:
- Muito conde, muita léria, mas há vinte anos que me comes as sopas. Quando houve fome no palácio, foi aqui que a vieste matar, com a família atrás. E vinham todos mais humildes, vinham humildes, vinham quase de rastos. Nesse tempo o que a prosápia queria era broa.
- Tornou a passar-lhe o amoníaco pelo nariz e declarou na sua voz um pouco velada:
- Havia em Alva um cocheiro que falava mais ou menos assim e certo dia o meu pai não teve outro remédio senão chicoteá-lo.
- O rosto dela, espantosamente pálido, abria um fulgor ácido na penumbra da sala:
- Mas não tenhas medo, Silvestre, podes insultar-me à vontade. Os mortos não empunham chicotes.
- Não? Os retratos dos nobres Pessoas pendem solenes das paredes do escritório. Olhe para eles, D. Maria dos Prazeres. Os mortos estão dentro desta sala e com um chicote implacável. O orgulho dos velhos senhores, as carrancas severas, o pó das calendas, as tretas do costume. O seu marido tem de destruir os mortos. De tentar, pelo menos. Que outra coisa pode ele fazer? Deixe-o experimentar. Ou eu me engano muito ou vai sair-se mal. Ora repare.
- Ergueu-se com dificuldade e apanhando pela sala tudo o que lhe veio à mão procurou dar cabo dos retratos, numa fúria trêmula de bêbado. Pois ali tinham os Alvas, os Pessoas, os Sanchos, livros e garrafas nas trombas, copos e tinteiros nas fuças, jarras, cinzeiros, lixaria nas ventas. Vidros estilhaçados acordavam um som agudo pela sombra, coisas pesadas tombavam surdamente no tapete.
- Os cocheiros estão fartos, caramba.
- Um arremesso mais violento fê-lo perder o equilíbrio. Rodou ser si mesmo, deu alguns passos desastrados, e afundou-se de cabeça no meiple.
- De cabeça, D. Maria dos Prazeres. Que lhe dizia eu?

– Não era preciso tanto caco. Os cocheiros conhecem-se bem as palavras.
Bravo. Essa deu cabo dele.
(Oliveira, 1971, 83-84-85)

O diálogo supracitado demonstra que não é só Maria dos Prazeres que vive a infelicidade de um casamento de conveniência, o marido compartilha do mesmo sentimento. As discussões entre ambos são sempre grandiosas, por mais que retruque a fala da mulher, Silvestre, bêbado ou não vive num constante estado de entorpecimento. “Destituído de passado (histórico) e incapaz de perspectivar outro futuro que não seja a morte obsidiante, Álvaro desliza naturalmente para a alienação (que também é uma forma social e histórica de esterilidade)” (Reis, 1983, 596).

A esterilidade da qual fala Reis, não corresponde somente à ausência de filhos na vida do casal, mas, principalmente ao vazio dessa relação, à falta de perspectivas entre ambos, e ao ambiente sufocante no qual estão inseridos. Por ser D. Maria dos Prazeres quem, na maioria das vezes, toma as rédeas das situações, temos a noção de que nesse núcleo a “luta de classes” não se dá entre pobres $\times$ ricos, mas entre aristocracia $\times$ burguesia. De acordo com Maria Alzira Seixo,

A opressão [...] pode ser entendida como um processo físico e psíquico de abatimento do outro ou de si próprio, a existência de um peso de aniquilação que, mantendo-se, gera a duração do texto (o seu tempo) até a destruição final (que pode não acontecer, que não acontece em alguns casos, neste romance, que poderia ainda ser transformada numa libertação que, essa, aqui não aparece, como sentido voluntário, significado sócio-político do texto).
(Seixo, 1986, 94)

A opressão em *Uma abelha na chuva* é mais psicológica que física e, na relação dos Silvestres ela é caracterizada pelo “abatimento” em que a existência de um, praticamente, “aniquila” o outro. Um exemplo que merece ser apontado no livro é o episódio em que Álvaro Silvestre é impedido de entrar no quarto. Após a discussão, mais uma vez a imposição da mulher prevalecer sobre a vontade do homem. Sem poder entrar no quarto, o marido passa a noite no escritório, e, sem conseguir dormir, sai ainda de madrugada.

A partir do momento em que Álvaro Silvestre deixa a casa, o foco da narrativa se transfere para o casal Clara e Jacinto. Silvestre, escondido no palheiro

ouve uma conversa que parece lhe despertar do torpor em que se encontrava. Assim, outro tipo de opressão terá lugar nessa segunda parte do enredo.

O casal de namorados faz planos de casamento, pois a moça engravidara. No meio do diálogo Silvestre é surpreendido pela fala de Jacinto (o cocheiro) que menciona as “olhadelas” de D. Maria dos Prazeres:

- Temos de casar, Clara.
 - Na voz dela houve uma ponta de ironia e ternura:
 - O meu pai pensa num lavrador com terras, com dinheiro...
 - E tu?
 - Uma boa casa, uma boa lavoura...
 - O rapaz amuou:
 - Passa por lá muito bem.
 - [...]
 - Tolo. Como se eu te não quisesse mais que a todo oiro desse mundo.
 - Vê-se.
 - E olha que se vê. À espera dum filho teu, estendida nas mesmas palhas do que tu, só não verias se fosse cego.
 - O rapaz arrependeu-se:
 - Não chores. Eu acredito.
 - [...]
 - E as olhadelas da patroa, Jacinto, o namoro de que te gabavas?
 - Nunca me gabei, linguazinha de prata, mas lá que a D. Prazeres me comia com os olhos...
- (Oliveira, 1971, 95-96)

Por ter ido embora, Silvestre não ouve a continuação do diálogo, Jacinto, certa hora, menciona a vida dos patrões: “O lavrador Silvestre, que não chega para a mulher, que nem um filho se lhe atreveu a fazer. Nem um filho, caramba” (Oliveira, 1971, 103).

É em função desta situação e do que ela permite evocar que se torna potencialmente conflituosa a relação de Jacinto (e Clara) com Álvaro Silvestre: escutando os dissimulados na sombra (cf. cap. XV), Álvaro ouve algo mais do que as revelações a propósito de D. Maria dos Prazeres; se estas remetem, desde logo, para a crise de uma relação matrimonial saldada em infertilidade, assim agudizando um sofrimento mal recalcado, há um outro aspecto do diálogo talvez mais impressionante, no plano histórico-social: a revelação da gravidez, que justamente traz à presença de Álvaro Silvestre a configuração de um futuro que inteiramente escapa ao seu horizonte de vida.

(Reis, 1983, 610)

Partindo da afirmação do cocheiro e observando a citação acima, percebemos a diferença principal entre os dois casais centrais do romance, Jacinto e Clara têm uma união feliz e produtiva, fazem planos e terão um filho como fruto da relação, enquanto Silvestre e Prazeres vivem em constante desajuste e são estéreis.

Jacinto e Clara [são] susceptíveis de uma indesmedível aproximação com a abelha, com seu labor e com o que dele deflui. Caracterizados pela fecundidade de uma relação produtiva a vários níveis (a gravidez, os projetos futuros, o vigor com que são esboçados), bem se pode dizer que é deles que será destilado um “mel” que não está ao alcance dos Silvestres; referimo-nos ao estado social que, superando no fluir do tempo histórico as contradições do presente, atinja a doçura (o mel) das relações despidas de conflito (de fel), de tensões e de contrastes. (Reis, pg. 626)

Os Silvestres contrastam entre si, numa relação em que o fel e constantemente destilado, e, também, contrastam com segundo casal, que ao contrário do primeiro representam uma relação de harmonia e produtividade (o mel). O fel dos Silvestres irá atingir Clara e Jacinto, pois, no momento em que os namorados são ouvidos por Álvaro Silvestre, o desenrolar dos fatos mais angustiantes têm início.

4.2.

Fel x mel: A opressão que atinge a colméia produtiva

Após ouvir a conversa dos namorados, Silvestre foi acometido por um turbilhão de pensamentos desordenados e “levou o resto da manhã às voltas com a idéia e tanto lhe mexeu, tanto a arranhou, que a pôs por fim a sangrar: o sangue palpitante, vivo, das feridas recentes” (Oliveira, 1971, 119).

As lembranças da infância se misturam às preocupações recentes, os ensinamentos do pai vêm à tona:

À gênese destas grandes transformações não era estranho o espectro da miséria que o pai lhe metera pelos olhos apavorados desde a infância, porque muito da fereza que o empedernia, da ganância cíclica que o empolgava, vinha daí, dessa longa lição individualista de que o homem é o lobo do homem e, portanto, entre devorar e ser devorado, o melhor é ir aguçando os dentes à cautela. (Oliveira, 1971, 121)

Seguindo o pensamento do pai, Silvestre seria um indivíduo opressor, “pois o homem é lobo do homem”. No entanto, essa idéia não se coloca em prática ao tratar da opressão entre Silvestre e Maria dos Prazeres. Aqui a dominação pregada pelo pai de Silvestre se anula, pois Maria dos Prazeres age como “dominadora do marido pela elaboração sábia de uma inversão de valores em que ele foi educado pela figura do pai, lutador contra a miséria segundo a moral do homem lobo do homem, de que é preciso devorar para não ser devorado, possuir para não ser possuído” (Seixo, 1986, 95).

Acuado pela esposa, Silvestre só consegue se impor e ter força perante os indivíduos socialmente e economicamente mais fracos. E, é dessa forma que se dá o ambiente de opressão que está por vir. Veremos no exemplo logo abaixo, que ao chamar o oleiro cego, pai de Clara, e induzi-lo a cometer um crime, Álvaro Silvestre indiretamente oprime Jacinto e Clara, que na “sua configuração social se nos apresenta de forma relativamente definida, na medida em que, com toda nitidez, se trata de figuras inseridas no estrato socioeconômico mais desvalorizado no universo de ficção” (Reis, 1983, 609).

– Eu bem o preveni que o golpe ia doer. A vida dá-nos grandes pares de coices. Agora é arribar. E lembre-se que dívidas destas importam muito mais que meia dúzia de patacos fiados na mercearia. Os patacos podem esperar. Dívidas destas é que não. A mim, pagavam-mas depressa e com língua de palmo.
(Oliveira, 1971, 126)

As insinuações de Silvestre despertam a ira do oleiro. A cegueira que apenas se resumia ao aspecto físico agora atinge o âmbito psicológico. Na sua fúria cega, devido à violação da castidade da filha, mestre António traça um plano sem fundamento e agrega como cúmplice seu ajudante, Marcelo, que, em troca do assassinato do cocheiro, receberia a mão de Clara.

Em meio à chuva tem início o confuso plano de vingança. Numa represália, o cocheiro é surpreendido por golpes de cajado e cai desfalecido. Acreditando que o homem já está sem vida, eles seguem debaixo da chuva, que agora cai torrencialmente, em direção ao mar para dar fim ao corpo. Entretanto, Jacinto geme e dá sinais de que ainda vive, fato que faz Marcelo hesitar em dar continuidade ao plano. O cúmplice do oleiro sai à procura do burro que havia fugido e diz que não mais voltará:

Mas agora, que o moço emergia do letargo em que viera, meio cobiçoso, meio atormentado, a insistência do cego batia-lhe no coração como a chuva no mar, inútilmente, por que o sentimento de ter vendido a alma, que o lacerara toda a viagem, começava a desvanecer-se com a certeza de que o ruivo ainda vivia: não e não, mestre António, estou farto de aguentar essa loucura cheia de água, a escuridão, o moer da consciência.
(Oliveira, 1971, 136)

Mas Marcelo volta e, acreditando que ainda teria a mão de Clara, desfere o golpe final:

– E a rapariga? Ainda é minha?
– Arreia-lhe e veremos.
Segurou no cacete; precisava apenas duma chispa de luz para desfechar o golpe; a cabeça ruiva iluminou-se e a cacetada veio, de alto a baixo, rasgando a chuva densa.
(Idem, 144)

Após a concretização do assassinato, a chuva se afasta:

A tempestade afastava-se para o interior, a chuva decrescia. Galgada a última duna, ouviram o quebrar das ondas no areal. À beira da água, o vento era pouco mais que uma aragem mansa, gelada. Entraram três ou quatro passos pelo mar dentro, cautelosos, e tomando balanço atiraram o corpo à ressaca.
(Ibidem, 145)

Os exemplos retirados da obra *Uma abelha na chuva* que ilustram o assassinato de Jacinto nos permitem observar que a variação da intensidade da chuva no decorrer do crime não é um fato ocasional. A chuva é fraca quando o plano do oleiro tem início e torna-se torrencial no ápice da ação, mas com a concretização do assassinato ela se dissipa.

A mudança de intensidade da chuva pôde ser vista também no início do romance, quando Maria dos Prazeres impede a publicação da carta comprometedora. Lá, a chuva torrencial só se extinguiu após a saída de Silvestre da comarca.

Nesse romance, a imagem da chuva surge como a identificação dos pontos em que a ação da narrativa chega ao ápice da opressão, pois “a água feita chuva insere-se num cenário atmosférico eminentemente agressivo; é a tempestade (e com ela a chuva) que acompanha os episódios marcados por uma conflituosidade mais notória” (Reis, 1983, 627).

No caso específico do crime, ela também provoca o sentimento de aflição no leitor, pois, apesar de o plano parecer impraticável, não é possível prever se eles conseguirão alcançar o objetivo em meio à tempestade. Assim, a angústia só termina no momento em que se tem conhecimento de que os esforços do oleiro e de Marcelo para se livrarem do corpo, de nada adiantaram. Ambos foram presos, e uma multidão seguiu com o regedor até a casa dos Silvestres para dar-lhes a notícia.

O ambiente de opressão que Silvestre criara pareceu ter acabado, mas, outras situações ainda advêm como conseqüências da morte do cocheiro. Uma delas é o fato de parte do núcleo harmônico da narrativa – o de Jacinto e Clara, que apesar de desprovidos de recursos financeiros, representam a fecundidade e a harmonia, uma colméia produtiva que contrasta diretamente com a dos Silvestres – começar a ruir após o assassinato.

4.3.

A rainha que destila fel

Com a chegada da multidão junto ao regedor, Álvaro se amedronta e demonstra algo mais que um simples sentimento de culpa pela morte do cocheiro. Ele sente aflição com a possibilidade de ter o mesmo destino de seu empregado, o que o leva a contar à esposa que fora ele quem instigara o crime.

Ao saber que os seus desejos foram descobertos, ela reage enfática, admitindo a atração que sentira e se lamentando também por isso:

– Não te matam, descansa, posso lá ter tamanha sorte; hei-de aturar-te até ao fim da vida, até que Deus me leve deste inferno que é a tua casa. Tenho nojo de ti, nojo, entendeste bem? Que te admiras tu que eu sonhe?, sonhos sobre sonhos, sempre, para esquecer a tua cama e o pão da tua mesa. O que nunca supus foi tê-lo dado a perceber e agora, mesmo depois de morto, odeio esse maldito ruivo, talvez te sirva de consolo, odeio-o, por ter dado conta do que era só comigo, tão íntimo, que o esconderia a mim própria se pudesse.
(Oliveira, 1971, 145)

Maria dos Prazeres não hesita ao expulsar da propriedade os camponeses que vieram somente para especular o motivo da morte do cocheiro:

Os camponeses aguardavam. Ouvia-se bater a chuva nas ramagens, no zinco da alpendrada. O silêncio, a água, a aparição imóvel ao cimo da escadaria, tinham transfigurado tudo. De repente, ela estendeu o braço:
– Rua.
[...] Continuava de braço estendido e a sua voz vibrava a espaços regulares:
– Rua, rua, rua...
(Oliveira, 1971, 168)

D. Maria dos Prazeres dispersa a multidão com autoridade, ao contrário de Silvestre, é ela quem tem pulso para lidar com as situações adversas, como observa Maria Alzira Seixo:

Maria dos Prazeres caracteriza-se pela vontade firme (é ela quem dá ordens, é ela quem, nas seqüências da crise – a viagem a Corgos, o reconhecimento do seu amor por Jacinto, o tumulto popular no seguimento do crime –, promove a função terminal nos termos da estabilização [...]), mas não consegue a satisfação do desejo.
(Seixo, 1986, 95)

A personagem de D. Maria dos Prazeres, que, como já dissemos, possui características de dominação (da casa, do marido, dos diálogos, etc), poderia ser considerada a “abelha rainha” do romance, pois: “em uma colméia vive uma sociedade dividida em castas, em que abelhas do sexo feminino dominam. A vida de toda a colméia depende da abelha rainha e das abelhas operárias” (Costa & Oliveira, 2005, 30).

A abelha rainha é aquela que, como Maria dos Prazeres, “domina toda a população da colméia por meio de uma substância exalada denominada feromônio, que mantêm a unidade da colméia” (Idem, 31).

Porém, no último serão, em que é pela visão do Dr. Neto que observa com atenção todos os presentes na sala dos Silvestres, que se tem noção de que aquela colméia, da abelha rainha Maria dos Prazeres é uma colméia deteriorada, viciada e corrupta, incluindo as abelhas operárias:

O reflexo trêmulo das chamas batia-lhes no rosto e desfigurava-os: os olhos do padre muito mais encovados, a cana do nariz mais torta e luzidia; as bochechas da D. Violante inchadas como se tivesse a boca cheia de ar; uma recôndita sensualidade nos lábios de D. Maria dos Prazeres; a palidez de Álvaro Silvestre a resvalar num amarelo de cidra e idiotia. A D. Cláudia, não: incorruptível, pura, a mesma; não lhe toca o lume (nem a sombra) que os deforma e se ela, alma de mel translúcido, escapa ao sortilégio é que a alma dos outros não tem a mesma transparência.
(Oliveira, 1971, 181)

A única das abelhas que participam dos serões na casa dos Silvestres e que foge ao estigma da colméia apodrecida é D. Cláudia. Essa personagem aparece desde o primeiro serão como reclusa em si, alheia ao mundo a sua volta por medo e insegurança. De acordo com Maria Alzira Seixo:

Antes de mais, convém notar, afinal, que D. Cláudia nunca intervém: senhora reclusa, canalizada para os bordados de paisagens idealistas, não olha a realidade exterior; está preservada. Está presente mas não participa nas conversas de serão; é uma ausência que não se nota pois ocupa o seu lugar. Dela só sabemos o q o Dr. Neto nos diz. O Dr. Neto, o cientista, o homem eu criava abelhas que lhe davam mel, e flores que alimentavam as abelhas. Este plano de criação, para ele perfeito, temia vê-lo corrompido por outro tipo de criação – a união com D. Cláudia, sujeita a descendência degenerada. [...] O mel é, portanto, pare ele, no afã da criação representado pelas abelhas, a suma perfeição. Ora no segundo serão do romance entretém-se a observar as personagens que o cercam à luz da deformação que o fogo provoca nas respectivas fisionomias e vai-lhes descobrindo os tiques específicos que farão compreender o processo de criação a

que se entregam: falhado ou falso, de produto impuro em todo o caso (<<abelhas cegas, obcecadas>> fabricam <<fel>>, salvo D. Cláudia, que o fogo não atinge, na sua transparência de ser inexistente, <<alma de mel translúcido>>, produto de criação mas não entidade criadora).
(Seixo, 1986, 110 e 111)

O trecho acima além de mostrar a transparência inerte da personagem de D. Cláudia esclarece também que é o Dr. Neto quem elucida o núcleo da narrativa correspondente aos Silvestres e aos seus relacionamentos sociais. É uma colméia que não produz mel, ao contrário, uma colméia seca, inclusive relacionado ao fato de os Silvestres não terem herdeiros do fel que é a única coisa provinda do convívio entre essas abelhas, como podemos observar no seguinte recorte do romance: “Conhecia-os como às suas mãos, de modo que podia deduzir o seguinte sem se atraçoar: vê-los desfigurados é vê-los verdadeiros; todos eles fabricam fel; abelhas cegas, obcecadas” (Oliveira, 1971, 182).

4.4.

Uma rainha levada pela chuva

A personagem do Dr. Neto representa as reflexões do autor quanto ao apodrecimento da sociedade durante a ditadura. Daí a determinação de Carlos de Oliveira em dar espaço para os pensamentos elucidativos do médico. “Dessa forma,[...] quando a escrita se interioriza na personagem do Dr. Neto, para mostrar os reflexos do desfecho dramático do romance, nesta personagem que funciona como uma espécie de consciência crítica em face dos acidentes aí historiados” (Abdala Jr., 1981, 97).

O recorte seguinte finaliza as considerações sobre os Silvestres e sobre as “abelhas operárias do fel”: “no consultório, [...] o Dr. Neto encostou-se à janela a enrolar o cigarro. Também ele tinha ajudado, anos e anos, aquela obra de pintar, repintar, a colméia dos Silvestres, sem atender a que lá dentro o enxame apodrecia” (Oliveira, 1971, 189-190).

O final do romance mostra como a colméia produtiva, representada por Clara e Jacinto, se extingue – ao contrário da primeira que continua a existir mesmo produzindo fel. Clara atira-se ao poço da olaria e morre. O Dr. Neto é quem recebe a notícia: “- Acuda, senhor doutor, a Clara atirou-se ao poço da olaria” (Idem, 191).

Clara pode ser considerada a rainha da segunda colméia, ao contrário de Maria dos Prazeres, clara iria dar à luz, pois a função principal da abelha rainha é a reprodução. A felicidade do casal Clara e Jacinto contrasta com os conflitos entre Maria dos Prazeres e Silvestre. O casal de namorados representa o ciclo natural da vida, a produção do mel mais puro, que é interrompida com a morte de Jacinto, e, logo depois com a de Clara:

A ligação simbólica da abelha com Clara é relativamente evidente: é, antes de mais, a relação metonímica, de contigüidade temporal e espacial, que a sugere, mas é sobretudo um conjunto de sentidos ajustáveis a ambas que reforça essa ligação: o sentido da fecundidade reiteradamente comentado já, o da temporalidade, inerente à elaboração do mel e à vivência histórico-social de Clara (e Jacinto), anteriormente postulada em termos de futuro e agora cortada pela morte (pela chuva).
(Reis, 1983, 628)

A citação acima pode ser relacionada com a última reflexão do Dr. Neto:

Por hábito, lançou os olhos às colméias, que lhe ficavam mesmo em frente, dez ou doze metros, se tanto, e viu uma abelha voar da Cidade Verde. Baptizava as colméias conforme a cor de que as pintara, Cidade Verde, Cidade Azul, Cidade Roxa. A abelha foi apanhada pela chuva: vergastadas, impulsos, fios do aguaceiro a enredá-la, golpes de vento a ferirem-lhe o vôo. Deu com as asas em terra e uma bâtega mais forte espezinhou-a. Arrastou-se no saibro, debateu-se ainda, mas a voragem acabou por levá-la com as folhas mortas.”
(Oliveira, 1971, 192)

As considerações feitas pelo médico tornam possível entender que “Clara, que, suicidando-se, interrompe o processo de criação – como aquela sua abelha que, incauta, sai do cortiço e rompe pela chuva, sendo por ela apanhada e aniquilada” (Seixo, 1986, 11). O Dr. Neto elucida o romance, pois ele serve como um intérprete das imagens que o autor usa para simbolizar a sociedade portuguesa, e assim, facilitar o entendimento d mensagem neo-realista:

o médico caracteriza-se justamente por um apego muito intenso à realidade; ele é, dentro do universo de ficção, como que um advogado qualificado dos processos de representação realista perfilhados pelo movimento em que o romance se insere. E é a partir dessa estreita relação com o real, que a personagem esboça as duas coordenadas fundamentais da sua cosmovisão: a instituição do concreto da natureza como matriz primordial de uma existência feita de constante movimento e transformação: a valorização do tempo como factor crucial de uma dinâmica que tem nas abelhas e no mel [...] intérpretes privilegiados.
(Reis, 1983, 615-616)

Assim, Carlos de Oliveira constrói mais um romance que se assemelha e se difere do Neo-Realismo. Enquanto a mensagem da obra foi feita para ser entendida e assimilada para que o povo português pudesse se identificar com as situações e personagens presentes no texto, possibilitando, dessa forma a busca pela liberdade, o autor se adequa à ideologia desse movimento: “de um modo geral, a construção da narrativa (e, com ela, a representação ideológica) releva, em *Uma abelha na chuva*, de procedimentos técnico-literários relativamente sofisticados, adentro do panorama estético do Neo-Realismo.” (Reis, 1983, 630) Mas quando se aprofunda no psicológico de suas personagens e as individualiza ele se difere dos demais escritores e os ultrapassa, pois ele lança-mão “de procedimentos técnico-literários sofisticados” (Idem, 632).